

Geografia da experiência: espaço-tempo e corpo-consciência

Jahan Natanael Domingos Lopes

da Universidade Estadual de Campinas - São Paulo - Brasil

jahan_natanael@hotmail.com

Resumo: Através da experiência caminha-se para sua fenomenologia, como abordagem desveladora da manifestação, na existência geográfica. Dessarte, a existência, fundamentada pelo Espaço e pelo Tempo, abre sua experiencialidade nas manifestações pelo espacial (corpo) e pelo temporal (consciência), dando-lhes caráter *a posteriori*, fenomênicos. Disso, do mundo natural, pelo ser-no-mundo, circula-se com o mundo mental, pelo mundo-no-ser: da percepção à compreensão. Eis a existência geográfica, ao ser-em (espacial) e ser-com (social), no Espaço social. Ademais, nas relações dos corpos (para-si) e consciências (em-si), tem-se o espaço-tempo concebido nos momentos que abrem eventos através das ações, promovidas pelas intencionalidades, marcando acontecimentos. Desse modo, perscrutou-se a Geografia mental, através da *ex* (fora) *peri* (ao redor) *entia* (conhecimento). Para tanto concebeu-se a *entia* enquanto Eu-Ser, do Eu geográfico (nos desejos de deslocar e pertencer) ao Ser, conforme o Corpo-Consciência. Abre-se, também, o *peri* enquanto *peri corporal* ao meio (situações) e o *peri circundante* ao ambiente (relações). Ainda, rumo ao sentido do *ex* atentou-se aos movimentos *físico* (concreto) e *imaginado* (abstrato) e, ainda, ao *desconhecido* impulsionando o mundo conhecido pelo mundo desejado. Consoante ao geográfico-existencial, aprofundou-se, de modo sintético-analítico, na experiência geográfica.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Geografia existencial; Geografia mental; Experiência.

Introdução

Ao ficarmos impossibilitados de prosseguir nessa geografia mental, ou no delineamento das diferentes partes e faculdades da mente, ao menos será satisfatório chegar até lá; por mais evidente que essa ciência possa parecer – e de jeito nenhum o é – mais desprezível ainda deve ser considerada sua ignorância por todos aqueles que almejam o saber e a filosofia.

(Hume, 2019, p. 16)

Segundo H. Gadamer (2011, p. 227), “a essência da ciência moderna é enriquecer constantemente a provisão de conhecimento para o uso discricionário”. Nisso, a geografia, cuja etimologia *grafia* poderia ser tida como um conhecimento privilegiado de descrição, encontra horizontes reivindicativos de explicação cada vez mais intensos. A Geografia positivista, ou melhor, Geografia teórica-quantitativa, virtua-se em uma modernidade de suma ciência e suma potência. Assim, por E. Queiroz (2006), ao arquétipo positivista que é Jacinto, no romance *A cidade e as serras*, perceber-se-ia o fiasco

de tamanha crença no neutralismo, tecnicismo e, sobretudo, no cientificismo gerando infelicidade e arrefecimento. Não há uma *grafia* da *gé* quando tomada em uma tradução tão leviana como a inscrita em um dicionário etimológico de 1984¹ feito por O. Portella (1984, p. 111): “Geografia — ‘descrição da terra’. Do gr. geo: terra + grafia: descrição.” Em contraposição, tem-se a concepção em que “grafia” torna-se “grafias” de C. Porto-Gonçalves (2001, p. 1), com isso, a “Geografia deixa de ser substantivo.” Ademais, o autor aprofunda seu pensamento: “Quando eu pego a palavra geografia e decompou e falo das grafias na terra, ou seja, o atribuir significados, eu tento fazer geografia com a sociedade.” (PORTO-GONÇALVES, 2001, p. 2). Elabora-se, por fim, uma geografia cujas *grafias* da *gé* derivem de escrever e não descrever.

Deste modo, transpassa-se rumo a uma abertura existencial, caminha-se “da geografia às geo-grafias” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 217). Por conseguinte, há na geografia uma concepção conceitual muito maior que a categorial, isto é, contempla-se uma estrutura interna de relações *a posteriori* rente à experiencialidade. É-se, pois, a geografia uma ciência cujo pensamento apenas se concebe a partir da filosofia, como guia C. Moraes (2007, p. 45) no esbanjar de perspectivas geográficas: o positivismo, a fenomenologia, o materialismo, o estruturalismo, o existencialismo, o neopositivismo etc. Isso indica não só a história da geografia, mas também sua ontologia, sua necessidade ontológica de aberturas filosóficas. Não sem espanto, portanto, lê-se, em Estrabão – grego do século I, nascido em Amaseia, atualmente localizada na Turquia – este ensinamento: “Se há alguma atividade que seja própria do filósofo, precisamente é a geografia” (ESTRABÓN, 2002, p. 207). Logo, em cada momento histórico, sobretudo após a sua institucionalização, encontram-se sempre correntes filosóficas coligadas à geografia.

De fato, ciência e filosofia possuem uma historicidade companheira, contudo, a geografia, principalmente quando é entendida não pelo descrever a Terra, mas por escrever a Terra, alça um caminho existencial, tanto humano quanto social, que é uma reflexão filosófica. Disso, embrenha-se: “Um conceito para unificar estes discursos, que tenha uma fundamentação ontológica. [...] A este conjunto poder-se-ia denominar *pensamento geográfico*.” (MORAES, 2005, p. 31, destaque do autor). Isso é, no conjunto de aberturas de correntes geográficas, em um sentido tanto filosófico quanto político-

¹ Essa contemplação, acompanha um objetivo na introdução: “As palavras contêm em suas entranhas uma verdade a qual eu procurarei extrair, como um dentista que, com sua agulha retorcida, retira a polpa da raiz do dente.” (PORTELLA, 1984, p. 111). Essa verdade vernacular, que descabe à metodologia ou à perspectiva é, de fato, um sonho positivo inalcançável.

ideológico: da fenomenologia ao humanismo, do materialismo ao marxismo, do idealismo ao kantismo etc. Assente-se, inclusive, nas correntes futuras a serem construídas geograficamente, novas *grafias*, todas conjuntadas na concepção de pensamento geográfico.

Nessa abertura ontológica, ou seja, rumo ao modo de ser geográfico, configura-se uma reflexão acerca da existência geográfica, concebida na circularidade entre ser-no-mundo e mundo-no-ser (LOPES, 2019; 2021a; 2022). Através da presença do ser-com, concebe-se o ser-no-mundo, haja vista ser, cada mundo, socialmente construído, enquanto o ser-em é a concepção de mundo-no-ser, tendo em conta serem os lugares aportados na consciência (LOPES, 2019). Nisso, os mundos fundem-se em Mundo – que é o Ser da Terra, seu Ente – cujo Nada é o Universo; edificando, enquanto totalidade geográfica, a Terra-Mundo-Universo (LOPES, 2021a). Ainda acerca do mundo, o corpo está ligado aos lugares, já que os percebe, apreende-os, lugariza-os; enquanto a consciência, que é tempo – histórica e projetiva – dinamiza os lugares acoplados como memórias (passadas) e intenções (futuras) na abertura de um mundo mental, que é geográfico (LOPES, 2022). O mundo é o resultado da circularidade entre ser-no-mundo e mundo-no-ser sendo essa a experiencialidade da existência geográfica.

Logo, a contemplação do significado de experiência geográfica é um caminho a ser aprofundado nesse trabalho, ao passo de se pensar tanto no corpo quanto, sobretudo, na consciência, à procura de se compreender a ontologia por meio de uma fenomenologia, a experiência. Nesse percalço, reflete-se sobre a experiência de modo existencial e, para tanto, encontram-se em I. Kant (2001) o Espaço e o Tempo como condições *a priori* da existência. Contudo, ambos percebidos, possuem um ser manifestado ao corpo cognoscente. M. Heidegger (2015, p. 71) abre a discussão: “Kant, ao afirmar que o espaço é o continente *a priori* de uma ordem, pretende fazer uma afirmação transcendental fundamentada, espaço e tempo devem poder mostrar-se assim, ou seja, devem poder tornar-se fenômenos”. Dessarte, espaço e tempo passam a ser fenômenos da experiência *a posteriori*. Neste trabalho, atenta-se: as iniciais maiúsculas compreendem categorias (*a priori*) e as minúsculas, conceitos (*a posteriori*). Pois bem, essa abertura acerca do Espaço e do Tempo deve ser mais bem compreendida: como de *a priori* modificam-se, ambos, em *a posteriori*.

Destarte, da existência à experiência, à busca de uma ontologia na perspectiva fenomenológica, tem-se, pelo espaço e pelo tempo, uma complexidade a ser desvelada à procura de se aprofundar no que vem a ser a experiência. De acordo com a orientação do empirista D. Hume, (2019, p. 169) “a existência de qualquer ser somente pode ser

provada mediante argumentos derivados de sua causa ou de seu efeito, e estes argumentos se afundam totalmente na experiência. Se raciocinamos *a priori*, qualquer coisa pode parecer capaz de produzir qualquer coisa.” Disso, percebe-se no espaço e no tempo uma curiosidade maior: que *a priori* pode fazer tudo aparecer, mas enquanto *a posteriori* abre a própria experiência em si mesma.

A experiência alicerça inclusive as ideias. Dela partem os sentidos de Espaço e de Tempo, haja vista ser o homem, com seu corpo e consciência, quem abre o mundo. Uma vez que é na consciência o trabalho de manifestação espaço-tempo, irrompendo o caminho de construir uma Geografia da mente: “Essa empreitada de organização e de distinção, que não tem importância quando relacionada aos corpos externos que são os objetos de nossos sentidos, aumenta de valor quando se difere às operações da mente, em proporção à dificuldade e ao esforço que encontramos ao realizá-la.” (HUME, 2019, p. 16). Mesmo ao empirismo, a concepção da mente transpassa o *a priori* e o *a posteriori* sendo, pela abertura da existência, uma discussão envolta de espaço e de tempo. Busca-se, pois, uma fenomenologia da experiência em seu sentido geográfico.

Ao passo de adentrar na proposição de geografia em seu âmbito existencial, traz-se uma abertura da experiência a partir de suas três partículas etimológicas: *entia* (conhecimento), *peri* (ao redor) e *ex* (fora) – compreensão advinda do dicionário latino (FARIA, 1962, p. 374). Com isso, há uma permeação geográfica entre a espacialidade e a temporalidade que se abre a partir da *entia*. Dessarte, guia-se para compreender a interconexão ontológica entre conceitos da experiência: mundos, horizontes, espaços, lugares. Assim, permeando-os, conectam-se também correlações sociais da experiência geográfica, constituindo a própria experiencialidade da existência, isto é, a circularidade entre o ser-no-mundo e o mundo-no-ser. Nisso, o empírico encontra uma irradiação existencial e, logo, atinge-se a participação da consciência geográfica e, por fim, concebe-se a geografia da mente. Seguem-se, pois, as seções do espaço-tempo à existência e, finalmente, chega-se à discussão do corpo-consciência, aprofundando-se rumo à fenomenologia da experiência.

Espaço e Tempo: existência à experiência

Considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo; ele assume-os ativamente, retoma-os em sua significação original.

(Merleau-Ponty, 2018, p. 149)

Na Geografia, há uma abertura espacial e outra, temporal cuja amplitude da primeira é enclausurada na segunda. Isto é, quando se defende uma proposta de geografia limitada ao presente, como faz M. Santos (2017, p. 145) “os eventos são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que os qualifica. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do espaço e do tempo [...] o evento é uma noção que completa a noção de momento.” De fato, os eventos, tão caros ao pensamento do autor, são uma catarse ao senso geográfico, outrossim, auge do momento, este é o verdadeiro marco: distinguir o Espaço geográfico do Tempo geográfico. Melhor, dizer-se deve acerca do meio ao espaço e do momento ao tempo, mas ambos imbricados em expressões geográficas por excelência

Os momentos exercem entre si sucessões unidas às coexistências, logo, dá-se temporalidade à espacialidade. É o tempo geográfico, um caleidoscópio da simultaneidade, ou seja, cada momento (uma estrutura sincro-diacrônica) é em si mesmo simultâneo – nas coexistências –, mas entre os momentos, também, caleidoscopicamente – nas sucessões – simultâneo (LOPES, 2021b). Porém, os eventos são tão somente a simultaneidade da coexistência, ademais, “o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto já que é o tempo da vida de todos.” (SANTOS, 2017, p. 160). Este tempo concreto é o espaço vivido rumo à simultaneidade presente do Espaço geográfico. Ao que o tempo abstrato é o tempo vivido rumo às sucessões do passado e do futuro pelo Tempo geográfico.

A questão do momento é desvelada por P. George (1969, p. 50-51, destaques do autor), para quem “os geógrafos de formação histórica mostraram tendência de ver no tempo geográfico um *momento* passível de ser descrito como um *estado*”. Assim, o estado em estrutura sincro-diacrônica é abertura do momento, enquanto o evento é descrito como movimento da coexistência vivida concreta. A perspectiva de coligar o momento ao evento é a dinâmica para refletir sobre os acontecimentos: “A passagem de uma concepção estática a uma concepção dinâmica da geografia modificou completamente a noção de tempo geográfico e introduziu a ação do papel normativo do estudo geográfico” (GEORGE, 1969, p. 52). Disso, retorna-se para fundamentar ao que M. Santos (2017, p. 160) compreende: “De fato, só a totalidade em movimento cria novos eventos.” Ademais, convocam-se ao evento a ação e ao momento, a memória, em formulação para o “embate entre tempo da ação e o tempo da memória.” (SANTOS, 2017, p. 328). O corpo em ação e a consciência em temporalidade – memórias e intenções – são a abertura existencial desse embate de modo mais abrangente.

O evento é o tempo em ação, visto no movimento dos corpos em coexistência no espaço geográfico, enquanto o momento é a unidade do tempo geográfico de modo sincro-diacrônico, comportando uma totalidade de temporalidade. Tal como o evento completa o momento, o espaço geográfico completa o tempo geográfico. A abrangência do segundo precisa da vitalidade da ação, haja vista que “o tempo geográfico é ao mesmo tempo geológico, histórico e contingente”. (GEORGE, 1969, p. 50). Embora mais ampla, a perspectiva de temporalidade na geografia é deveras abandonada; explica-se este descompasso epistemológico através de que “o universo pós-moderno acabou com o *fetichismo* do tempo. Concede ao espaço uma atenção que lhe deveria ter sido dada há muito tempo”. (CLAVALL, 2015, p. 135). O otimismo sobre essa mudança deve ser revisto, pois perder a compreensão do tempo é uma redução da geografia aos eventos sem o todo do momento.

Brincando com as palavras, se “o espaço é acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2012, p. 9), o tempo é acumulação desigual de espaços. Entende-se disso que se o espaço é a sincronia das diacronias, o tempo é a diacronia das sincronias. A percepção, estritamente, do primeiro se dá pelo corpo e do segundo, pela consciência. Ainda que com M. Merleau-Ponty (2015) tenha-se o corpo como consciente e a consciência como corporal, resguarda-se, assim, pensar o corpo como para-si e a consciência como em-si². Neste momento, retoma-se a discussão de Espaço e Tempo *a priori* e a da percepção que os abrem, ou melhor, escancaram-se em experiência *a posteriori*. De modo mais abrangente:

É um fato que primeiramente eu me creio circundado por meu corpo, preso ao mundo, situado aqui e agora. Mas cada uma dessas palavras, quando refletido nelas, é desprovida de sentido e não coloca então nenhum problema: **eu me perceberia ‘circundado por meu corpo’ se eu não estivesse nele tanto quanto em mim, se eu mesmo não pensasse essa relação espacial e assim escapasse à inerência no próprio momento em que eu me represento?** [...] se sei onde estou e me vejo no meio das coisas, é porque sou uma consciência, um ser singular que não reside em parte alguma e pode tornar-se presente a todas as partes em intenção. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 67).

É salutar frisar: não são duas discussões. Pensar no Espaço e no Tempo *a priori* é um caminho dedutivo às manifestações que se abrem: “não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 195). A ontologia, espacial e temporal,

² Toma-se essa concepção a partir de que: “Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele, é preciso então que nosso corpo não pertença à região do ‘em si’.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 193). Logo, o corpo é abertura para-si, concebendo em-si a consciência que acopla os objetos em lugares, em memórias e intenções.

exerce um conjunto que faz o corpo, em ações de intenção, impulsionar o momento rumo ao evento da consciência. No trânsito de se considerar o espaço-tempo enquanto mundo: “Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 108). Desse modo, a totalidade empírica do mundo atual situa o corporal no espaço como destaque, mas é a consciência que transborda no tempo não só em suas memórias quanto, sobretudo, em intenções irrompendo, simultaneamente, o espaço-tempo. Pois bem, tais construções da experiência do mundo cabem à seção seguinte; por hora, tem-se a compreensão de que a experiência corporal-consciente manifesta o espaço e o tempo.

Regressando à compreensão do Espaço e do Tempo, cerceia-se refletir que há uma perda de possibilidades quando a geografia esquece o tempo. Isto é, mapeando a diversidade de caminhos de abertura temporal da obra *Sociologia e Geografia* de P. George (1969), tem-se uma riqueza de predicacões: tempo industrial, tempo técnico, tempo de trabalho, tempo de lazer, tempo contínuo, tempo descontínuo, tempo econômico, tempo social, tempo funcional, tempo passivo, tempo fracionado etc. Pode-se encontrar correspondência dos predicados com o que se pós-cede ao espaço. A compreensão distingue-se a partir de que o tempo “dissocia o que o espaço reúne” (BRAUDEL apud LACOSTE, 1989, p. 190). Assim, a espacialidade é sintética enquanto a temporalidade é analítica e, por fim, o espaço-tempo sendo sintético-analítico. Ambos são aberturas do macrocosmo (espaço-tempo) através do microcosmo (corpo-consciência).

A consciência se dá pelo corporal no espaço e o corporal se dá pela consciência no tempo: essa é a circularidade da existência geográfica no espaço-tempo. Com a consciência o corpo sai do estado do momento em direção à dinâmica da ação do evento; logo, são concepções mais que complementares, necessárias. Sem estado não há dinâmica. O tempo geográfico supera-se a si mesmo enquanto categoria analítica à conceituação do vivido.

A partir de uma organização espacial de síntese geográfica – com a consciência intencional responsável pela alteração em eventos – caminha-se que “uma suposta alteração qualitativo/quantitativa dessa síntese supõe sucessão, a negação da duração, a ruptura da hierarquia dos ritmos, a afirmação do tempo pela realização do movimento. Encontramos aqui o tempo geográfico (ou o tempo do geográfico)”. (MARTINS, 2020, p. 20). Por conseguinte, o corpo é a abertura para o movimento. Isso, na perspectiva de F. Braudel, ganha destaque: “Sua ideia do ‘espaço-movimento’ [...] levou-o tanto a imaginar conjuntos geográficos mais vastos quanto a apreender de maneira mais precisa

o campo limitado das rivalidades territoriais, das operações militares ou dos centros dessa economia-mundo”. (LACOSTE, 1989, p. 207). Não há movimento sem corpo no espaço-tempo, ademais não há corpo-só, mas uma inter-relação de corpos delineando um tecido social consciente.

O movimento da História é, de modo concreto, um movimento de corpos em eventos de ação. Dessarte, o movimento da Geografia é concebido pelos momentos que são a totalidade sincro-diacrônica em movimento, ou seja, são os estados do mundo em dinâmica. À vista disso, as escalas de tempo e as escalas de espaço interlaçam-se através da existência social. De modo mais abrangente, pelos conceitos de M. Heidegger (2015), tem-se que o ser-em (espacial) e o ser-com (social) integram um Espaço social (ser-em-com). Nisso, a existência é coexistência, habitando, pelo corporal, o espaço (ser-no-mundo), sobretudo na intimidade para os lugares em grupos – coletivos, instituições, sociedades etc. – pela consciência social (mundo-no-ser). Desse modo, encontra-se uma ontologia da existência geográfica no espaço-tempo social.

Ao compreendido, reforça-se: o espaço reúne o que o tempo dissocia, assim como o tempo dissocia o que o espaço reúne. Exemplo existencial disso é a morte, o tempo dissocia o corpo de sua consciência – de suas memórias e intenções, sentimentos e emoções, sentidos e sensações etc. – enquanto o espaço o mantém reunido materialmente. A partir do grupo, tem-se a consciência coletiva: em série (discreta), em cada consciência exercendo um mundo em tempo e em sistema (contínuo) pela corporalidade situada no espaço em conjunto social. Aqui, contém uma abertura da sistêmica-serial do tempo geográfico (LOPES, 2021b). Nisso, entende-se, mais uma vez, que o espaço e o tempo encontram a experiência e manifestam-se como fenômenos existenciais. Isso se dá em um conluio do corpo e da consciência que os concebem *a priori*, mas existem neles *a posteriori*.

Tem-se, por fim, o caminho de que Espaço e Tempo, mesmo na discussão *a priori*, são aberturas do corpo como existência espaço-tempo. O espaço e o tempo manifestam-se como geográficos pelo momento e os eventos que interconectados do estado à ação concebem acontecimentos. A experiência geográfica está imbricada na circularidade entre corpo e consciência. Isso posto, contempla-se prosseguir em uma abertura da experiência em si mesma tão logo todo seu contorno (espaço-tempo) tenha sido compreendido no espaço social.

Eu-Ser à experiência geográfica

O homem se projetou para fora de si seus três “fatos interiores”, nos quais acreditava firmemente: a vontade, o espírito, o eu – primeiramente deduziu a noção do ser da noção do eu, pressupôs as “coisas” como existentes à sua imagem, de acordo com sua noção do eu enquanto causa. Que tem de estranho que mais tarde tenha encontrado sempre, nas coisas, apenas aquilo que ele mesmo tinha colocado nelas?

(Nietzsche, 2020, p. 40)

Perpetra-se que o expurgo da existência como externalidade, de modo nietzschiano, compreende parte do eu ao ser e importado nesse ser abre-se o mundo. Dessarte, ser-no-mundo é tão externo quanto o mundo-no-ser; o primeiro ao corpo e o segundo como consciência, ambos concebidos de modo *a posteriori*. A experiência, nessas considerações, abre-se em modo geográfico. Na analítica da experiência, defronta-se com a *ex-peri-entia* que alicerça da *entia* (conhecimento) para o *peri* (ao redor) e ao *ex* (fora). Encaminha-se, pois, na fenomenologia da experiência, que é conhecimento, que é uma concepção circundante e, ademais e sobretudo, que é posta, como vísceras, para fora. A *entia* é o eu que qualifica o conhecimento. Abrir o eu é tão necessário quanto seu envolto mundano no movimento circundante, assim como seu expurgo para fora em novos horizontes existenciais geoéticos. E igualmente, com a experiência em abertura, a existência desvela-se tal como o Eu é o insumo do Ser. Disso, a experiência-existência é a fundamentação do eu-ser imerso no espaço-tempo.

O Eu é um conceito humano com historicidade aquém, obviamente, da filosofia e da psicanálise do *ego*. A história do Eu é a do movimento humano engolindo a Natureza e regurgitando o Mundo. Disso, qualifica-se por H. Gadamer (2011, p. 166) que: “A história é o elemento inextirpável de desordem humana num todo ordenado”. A desordem é a temporalidade dissociativa enquanto a ordenação é a espacialidade unificativa. O Eu é uma concepção íntegra das consciências individual e coletiva, local e global que dos lugares abrem os mundos e funde-os em Mundo. A geograficidade da existência geográfica é o Eu geográfico. Contempla-se, pois: “O Eu geográfico é esse dado universal que compete a relação de existência para com o Espaço, implicando um desejo pelo deslocar e pelo pertencer”. (LOPES, 2019, p. 53). O deslocar é um desejo para o pertencer e o pertencer é um desejo para o deslocar; o que constrói tanto as relações humanas no espacial (ser-em), pertencendo, quanto no social (ser-com), deslocando. Nessas vinculações, intenta-se a conceber o corpo e a consciência em seu trabalho mútuo, o primeiro pertence ao deslocar e o segundo desloca a pertencer.

Há mais. Prossegue-se, então, a partir de que “ser-em é ser-com os outros. O ser-em-si intramundano desses outros é copresença” (HEIDEGGER, 2015, p. 175). Por conseguinte, é no percurso de pertencimento espacial e de deslocamento social que se concebe o Eu geográfico. Por ele abrem-se os lugares que aparecem à consciência devido ao pertencimento. O lugar, aqui, é definido pelo pertencimento (LOPES, 2019). Assim sendo, pertencer é alocar à consciência suas memórias e intenções constituídas como tramas de lugares, formulando o mundo-no-ser pelo ser-no-mundo. O mundo da natureza estabelece-se como mundo mental, a partir de Y. Tuan (2012, p. 31): “os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. [...] Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa.” O ser-com é um mundo mental socialmente construído pelos lugares que as interações sociais concebem a pertencer pelo deslocar.

O Eu abre o Ser através de sua dimensão espacial de movimentos pelos desejos geográficos (deslocar e pertencer), mas, logo se transforma na riqueza de sua consciência em um mundo mental, mundo-no-ser, do mundo natural, do ser-no-mundo. O corpo comporta ambos; o primeiro na consciência *em-si* e o segundo na presença *para-si*. A *entia*, portanto, é o Eu geográfico que expande o mundo-no-ser para fora do *peri* ao *ex*. A história humana é uma história do Eu construindo geograficamente os mundos em via de tessiturar a totalidade do Mundo. Desta forma: “Há uma cronologia somente porque a própria presença do homem é tempo.” (GADAMER, 2011, p. 45). A consciência, pela fenomenologia, é tempo. À vista disso, espera-se, ligam-se os conceitos, Eu-Ser permeado pelo Corpo-Consciência.

O mundo-no-ser sobrepõe-se ao ser-no-mundo, supera-o, simboliza-o e distorce-o. Não se trata de uma ilusão, todavia a história do homem faz da Terra um Mundo adentro do Universo em camadas de ser e do nada superpostas a toda noção do real (LOPES, 2020a). Disso, questiona-se, segundo H. Gadamer (2011, p. 177): “Como é possível dar-se uma permanência na fugacidade dos fenômenos, no fluxo constante de impressões cambiantes? É certamente a capacidade de retenção, portanto a memória, que nos capacita a reconhecer algo como o mesmo”. Essa retenção – em provações e disputas, discursos e dívidas (LOPES, 2019) – as memórias são guiadas pelas intenções que retêm os sentidos, configuram-se ao que se congrega como: “consciência geográfica” (MONTEIRO, 2014). Por conseguinte, confere-se reflexionar no expurgo da consciência

em novos horizontes existenciais expandindo as espacialidades que conteúdam os mundos.

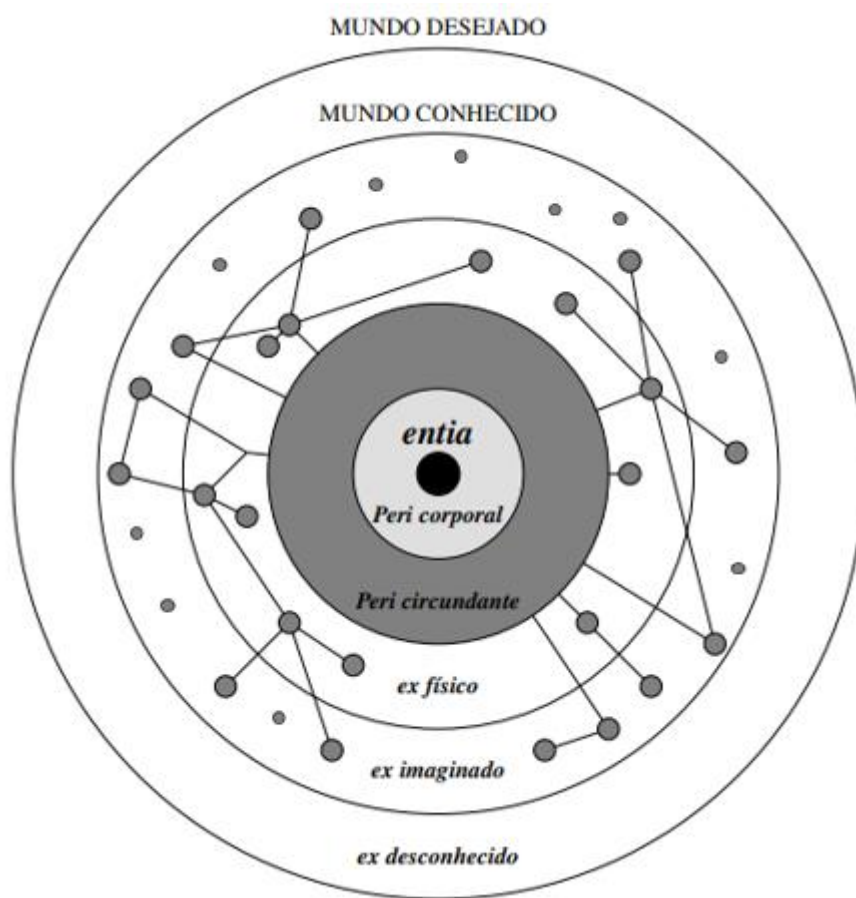
Se há um ser e outro ser que não é esse primeiro, logo, há uma distância de um ser a outro, uma espacialidade que distingue os seres. Dessa maneira, o espaço sintetiza-diferenciando e o tempo diferencia-sintetizando. Nesse processo da historicidade geográfica observa-se que quando “o caçador do paleolítico deixa a sua acha e pega o arco e flecha, ele avança um passo na conquista do espaço, contudo o espaço se expande diante dele: as coisas que antes estavam além do seu alcance físico e horizonte mental agora fazem parte do seu mundo” (TUAN, 1983, p. 60-61). Caminha-se, ainda, no percalço a partir do meio ambiente como correlação de situações e relações (LOPES, 2022). Desse modo, tem-se uma expansão de horizontes em meio (situações) ambientes (relações) que são espacialidades que pertencem em um mundo: “A espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra também um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita a sua constituição fundamental de ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2015, p. 168). Disso, o mundo-no-ser abre em temporalidade a espacialidade do ser-no-mundo, dessarte, contempla-se em um percurso expansivo de abertura da experiência.

Turva-se, do constructo já deveras introjetado, sem uma maior visibilidade e, para tanto, tem-se a construção do Quadro 1. Apresenta-se o mapa geral dos mundos a serem fundidos ao Mundo para, na continuação do diálogo, caracterizá-lo e fundamentá-lo cada vez com maior acuidade. Tecem-se horizontes circundantes expansivos cujas seções circulares são os espaços, assim como as aberturas dos mundos existenciais. Contempla-se, ademais, que o mundo está a par da “fusão dos horizontes” (GADAMER, 2015, p. 404), bem como a fusão dos mundos em que vivem cada Eu geográfico, concebe o Mundo. Cerceiam-se, pois, três divisões: 1 *entia*, 2 *peri* e 3 *ex*. Coligados, a *entia* é o Eu-Ser enquanto o *peri-ex* é o Corpo-Consciência. Os meios e os momentos interligam-se na configuração concêntrica do entorno circundante da *entia*. Há um centro, não fixo *per si*, mas inicialmente estático a circular para o fim dinâmico em uma correspondência do inerte com o prático. De modo profícuo, classifica-se na divisão temporal da própria consciência ao conflito para com o espacial do corpo que unifica.

Logo, toda experiência necessita de um “Eu” que abre o Ser de dois modos: a partir do corpo (ente) para-si e de uma consciência (ser) em-si. Dessa forma, a *entia* é o Eu em abertura ontológica da *entia* para o Ser, sendo que esse é aberto pelo Corpo em *peri corporal* e *peri circundante* e Consciência rumo aos *ex físico*, *ex imaginado* e *ex desconhecido*. Diante disso, ter-se-ia, em integralidade, a experiência que é geográfica. Ainda, fundem-

se os horizontes a partir de mundos: o mundo conhecido, da *entia* ao *ex imaginado*, rumo ao mundo desejado, ao *ex desconhecido* através do deslocar e do pertencer. Dessa forma, cerceia-se uma esquemática volitiva geográfico-experiencial que torce e destorce as distorções do Mundo como intermédio da Terra e do Universo, modificando ambos através a experiencialidade da existencialidade ao prumo geográfico interno à descrição e à escrita.

Quadro 1. Experiência geográfica



Fonte: elaborado pelo autor

Da *entia*, despertam-se, no esquema, lugares todos eles promovidos pelo pertencimento, sendo que os deslocamentos podem ser físicos ou imaginativos. Nota-se, pois, que há lugares próprios do corpo e lugares próprios da consciência. Por conseguinte, assente-se que os lugares estão nos espaços sendo eles conteúdo do mundo. A experiência começa da *entia* pelo corpo, como afirma M. Merleau-Ponty (2018, p. 203), para quem: “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo.” Nisso, têm-se os sentidos e as sensações em abertura do ser situado (meio) em relações (ambiente). Logo, “minha

existência como subjetividade é uma e a mesma que minha existência como corpo e como a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui. ” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 547). Outrossim, o corpo é abertura ontológica do Eu: “retomando assim o contato com o corpo e o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção. ” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 278). Então, em-si ao corpo há a consciência em sua configuração de lugares tramados como tempo nas memórias e intenções.

Através do construído, percebe-se, por É. Reclus (2011, p. 44): “O elemento espaço perdeu sua importância, pois o homem pode instruir-se e instrui-se, com efeito, de todos os fenômenos do solo, do clima, da história, da sociedade que distingue os diferentes países. [...] O centro da civilização é todo lugar onde se pensa, onde se age. ” Os lugares sobrepõem-se em importância ao espaço porque esses são consciência enquanto aqueles são corpo. Ao tempo geográfico, tem-se que o momento é unidade de espaço sincrodiacrônico, enquanto os eventos são os lugares-abertos, isto é, o movimento da totalidade espacial (ser-em) encontra-se na totalidade social (ser-com) pelos lugares. Em historicidade, a partir de P. La Blache (1954, p. 276), excerta-se: “Estas civilizações rudimentares que nos reportam aos períodos arcaicos das nossas próprias civilizações, são já, não obstante, um ponto de chegada, um resultado de progresso, para os quais contribuíram visivelmente a iniciativa, a vontade e o sentimento artístico. ” Cada mundo é resultado de uma espacialidade social, sendo-o aberto como ôntico através da civilização humana em toda sua tessitura de lugares em trama.

Entendido o mundo, revelam-se duas concepções de sua experiência: o conhecido e o desejado. Contemplam-se, em conjunto, o ôntico-ontológico, o mundo conhecido é aberto em civilizações ônticas – “As civilizações são espaços [...] As civilizações podem ser localizadas num mapa. ” (BRAUDEL, 1987, p. 40) –, enquanto o desconhecido é ontológico, mais profundamente, ao Nada no coração de seu Ser (SARTRE, 2015). É o desejo de mais deslocamento e de mais pertencimento na tentativa de saciar o desejo humano pelo geográfico. Cabe, aqui, a reflexão proposta por E. Dardel (2011, p. 1): “uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e do seu destino. ” Deste modo, a geograficidade é um modo de ser desejoso pelo mundo desconhecido, deseja deslocar porque deseja pertencer e deseja pertencer porque deseja deslocar. Ainda, poder-se-ia pensar segundo J. Wright (2014, p. 4) em uma “*Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia”. Nisso, configuram-se não apenas o fantástico, mas, inclusive, pelo desejo, uma ampliação do

mundo em uma expansão de tudo o que o conteúda, uma ampliação da civilização, uma dilatação do Espaço social que hoje encontra-se em uma totalidade empírica: a globalização.

Contudo, atenta-se, essa expansão se dá pelos lugares e a conquista de mais lugares nos espaços é alvo dos desejos: o espaço desejado é descontínuo no espaço conhecido. Defronte à globalização, segundo M. Santos (2012, p. 28): “A percepção desse grande espaço, torna-se, então, fragmentária, enquanto o espaço circundante só explica uma parcela de sua existência. ” Por isso, tem-se que adentrar no próprio mundo que é formulação temporal do espacial. É-se a globalização uma fusão empírica de mundos em um Mundo, contudo, a fusão é conturbada, uma colcha de retalhos desarmônicos e mal costurados, mas que agem como regiões entrelaçadas. Disso, ocorre a diluição da *entia* recaindo na angústia que sufoca o eu geográfico, ao ser humano: “Sua tarefa não passa de uma tarefa ínfima dentro de um processo que interessa a milhares ou a milhões de pessoas, separadas frequentemente por milhares de quilômetros”. (SANTOS, 2012, p. 28). Dessa forma, a compreensão atual do Mundo é deveras complexa em uma base ontológico-axiológica e o sufoco dos desejos geográficos ao nadológico: o ser humano quer ser o que não é, ter o que não pode, fazer o que não consegue e, sobretudo, pensar o que não é possível.

O mundo desejado é o espaço-tempo *a priori* fazendo parte da experiência pelo *ex desconhecido*. Outrossim, o mundo conhecido é inteiramente *a posteriori* por intermédio de um Espaço social ontologicamente vivido. Consuma-se, aqui, a partir da *entia*: ao horizonte dos sentidos do *peri corporal*, o horizonte circundante do *peri circundante* – ao *peri*, também, abre-se o meio (situações, *peri corporal*) e o ambiente (relações, *peri circundante*) –, o horizonte de deslocamento físico do *ex físico*, o horizonte de deslocamento imaginado do *ex imaginado* e, por fim, o horizonte desejado do *ex desconhecido*. O mundo conhecido é o acoplado no pertencimento da memória integrando no projeto em intenções (pelos eventos de lugaridade) e, por fim, ao mundo desejado, pelo *ex desconhecido*, tanto pré-deslocamento quanto pré-pertencimento, sendo o motor chamativo dos desejos do eu geográfico.

Ainda, acerca dos horizontes, concebe-se a partir de H. Gadamer (2015, p. 330) que: “Um horizonte não é uma fronteira rígida, mas algo que se desloca com a pessoa e que a convida a continuar a caminhar. ” Dessarte, segue-se que a expansão humana exerce uma historicidade que avança os horizontes conhecidos, transpassando todos continentes e oceanos a fim de que, embora de modo descontínuo, haja o mundo desejado

e, inclusive, poder-se-ia cogitar em outros mundos ainda nunca pensados. Repara-se na progressão do *ex*: físico, imaginado e desconhecido. O auge do desejado é o desconhecido, pois, ainda que esperado, há nele a própria esperança. Compreende-se que, aos horizontes, “todos eles juntos formam esse grande horizonte que se move a partir de dentro e que abarca a profundidade histórica de nossa autoconsciência, para além das fronteiras do presente”. (GADAMER, 2015, p. 402). Por esse âmbito, há sempre possibilidades que ampliam e modificam o próprio mundo conhecido. A questão maior é a possibilidade sempre aberta aos desejos geográficos de transformação do mundo.

Além do *peri* encontra-se o *ex*, ao que “para o homem, elevar-se acima do mundo circundante significa *eleva-se ao mundo*, e não abandonar o mundo circundante”. (GADAMER, 2015, p. 574, destaque do autor). Indica-se que o *peri circundante* não limita outros horizontes do Mundo, aqui como maiúscula elucidado enquanto fusão dos mundos. O papel do *peri* é situar e relacionar, situa-se ao meio pelo *peri corporal* e ao ambiente pelo *peri circundante*. É um modo possível de se compreender de onde parte o para-si que é o corpo rumo ao fluxo, tido enquanto movimento, para o em-si ao mundo circundante. Isso ao que, por M. Merleau-Ponty (2018, p. 314), entende-se: “meu corpo é não uma soma de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico do qual todas as funções são retomadas e ligadas no movimento geral do ser no mundo”. A geograficidade é a abertura da Terra ao Mundo e vincula a suspensão da primeira ao segundo; o Eu geográfico é terreno aos desejos geográficos enquanto a Existência geográfica é mundana à circularidade do ser-no-mundo e do mundo-no-ser. Interligando-se com a hermenêutica obtém-se que: “Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral de minha ‘compreensão’”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 315). É pela própria circularidade da abertura do corpo ao mundo que ele é percebido e configurado no ser em compreensão: por isso o mundo-no-ser é diferente do ser-no-mundo, ele é compreendido enquanto o segundo é, tão somente, percebido.

Penetra-se, portanto, que “todo movimento tem um fundo, e que o movimento e seu fundo são ‘momentos de uma totalidade única’ [...] o fundo do **movimento concreto** é o mundo dado, o fundo do **movimento abstrato**, ao contrário, é construído”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 159, grifos nossos). À guisa de fundamentação, há, no movimento, a própria questão adentro dos momentos do tempo geográfico. O movimento transpassa em eventos as ações do corpo como concreto e da consciência como abstrato. Ambos, atenta-se, são movimentos efetivos, são eventos que grafam acontecimentos. Assim, há historicidade nas civilizações, em ampliações e retrações dos

horizontes. O primeiro é movimento na Terra e o segundo é movimento no Mundo e, interno a ambos, os dois encontram suas ações na negatividade do Universo.

Encarta-se aqui, inclusive, uma questão psicológica mais densa. Como última pontuação a ser aberta do esquema construído, tem-se, em retorno a H. Gadamer (2011, p. 290), a abertura da “função que a hermenêutica desempenha dos quadros da psicanálise”. Isto é, se o mundo mental é uma compreensão humana é o mundo-no-ser, enquanto o mundo natural é uma percepção humana, é o ser-no-mundo, evoca-se uma psicologia socioespacial (LOPES, 2022). Ademais, defronta-se ao fato: “a perturbação patológica, que acaba tirando o poder de ação do paciente, é o fato de os delírios de imaginação terem interrompido a comunicação com o mundo circundante.” (GADAMER, 2011, p. 250). Ou seja, adentra-se em um mundo-no-ser conturbado, mais especificamente, a psicose é a inversão do *peri* pelo *ex*. Dilui-se o mundo corporal e circundante porque há compreensão sem a percepção imediata. Por conseguinte, em questão psicanalítica, a neurose é o desespero da *entia* com o *ex desconhecido*, emulando excessos de ações compulsivas: embora expansivas da existência. E, por fim, a perversidade é fechada para desejos geográficos, pois admite duramente tão somente, um mundo conhecido. Ainda que sejam noções soltas, o fato de situá-las aqui de modo provisório é um incitamento a aberturas de novas formulações.

Versa-se defronte à geografia imaginativa concebida por E. Saïd (2007), que há inclusive uma correspondência territorial – adentro do que aqui chamamos de mundo-no-ser –, aonde o igual e o diferente são emulados nas fronteiras mentais. Segue-se que: “Basta que ‘nós’ tracemos essas fronteiras em nossas mentes; ‘eles’ se tornam ‘eles’ de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos ‘nossos’.” (SAÏD, 2007, p. 91). O mundo conhecido, pois, alude a delimitações, não é benevolente, aliás, a própria fusão dos mundos pode (e constantemente é) perversa, o Oriente e o Ocidente fundem-se em um Orientalismo que inventa o primeiro a partir do segundo. Ademais, assente-se, também, ao que: “Todos os tipos de suposições, associações e ficções parecem amontoar-se no espaço não familiar fora do nosso.” (SAÏD, 2007, p. 91). Dessarte, vincula-se ao mundo desejado um alicerce do mundo conhecido, sobretudo ao *ex* que quanto mais desloca tanto mais imagina e desconhece.

À guisa de encerramento, salienta-se que: “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 122).

Nesse sentido, o Corpo reduz-se se não for pensado como Corpo-Consciência, ou seja, como percepção-compreensão, não se é apenas um ser-no-mundo, mas circula-se um mundo-no-ser. O esquema (Quadro 1) é a própria imbricação dos horizontes e mundos analisados nesses movimentos. Com isso, atenta-se ao mundo desconhecido como propulsor, o Nada universal que impede a existência do limite real. O ser humano abre-se em experiências como modo de alargar o mundo conhecido, eis a eidética da experiência e sua explicação existencial, a geografia torna-se a própria experiência de extrapolar a Terra em um Mundo duplamente aberto e, sempre, tragada pelo desconhecido em vista das capacidades de perceber e de compreender.

Pois bem, encontrou-se uma possibilidade de fenomenologia da experiência em interligações geográfico-existenciais, doravante fez-se a explanação acerca dos três elementos que compõem a experiência: *ex*, *peri* e *entia*. Da *entia*, Eu-Ser, ao *peri-ex* aberto pelo corporal (perceptivo) imbricado pelo consciente (compreensivo) resplende-se **a abrasão do ser**. Deste modo, chega-se à Geografia da mente: do eu geográfico, a existência geográfica abre: *entia*, *peri corporal*, *peri circundante*, *ex físico*, *ex imaginado* e *ex desconhecido* a tecerem uma trama de lugares nas espacialidades – em expansão por horizontes – dos mundos. Em vista de conceber uma relação sintético-analítica, traçaram-se as imbricações basilares da experiência geográfica em seu paradoxo estático e dinâmico em simultaneidade na imersão do espaço-tempo.

Considerações finais

Na abertura da geografia, a filosofia é a abordagem mais proeminente, mesmo considerando-a enquanto ciência descritiva ao revés de ciência explicativa. Aquém da escolha de um casulo interpretativo (pela abrasão do ser), evoca-se a discussão teórica com fundamento de entendimento da experiência e da existência. A questão geográfica é a própria possibilidade de pensar a geodiversidade em sua extrapolação de si mesma. Acerca da prospecção deste trabalho, perspectivou-se a experiência geográfica em suas orientações de confecção o Mundo. Sua concepção perpassa a própria existência que entranha o *a priori* concebido pelo *a posteriori*. Isto é, fundamentada pelo espacial e pelo temporal, permeia-se da puridade ao fenomênico que se manifesta pelo próprio movimento da existência. Por si só a experiência é um encontro do mundo natural (ser-no-mundo) com o mundo mental (mundo-no-ser) que em circularidade abre a existência geográfica, respectivamente, percebendo e compreendendo.

Tanto o Espaço geográfico quanto Tempo geográfico entram em profusão existencial, haja vista ser *a posteriori* à manifestação do corpo e da consciência. Os momentos abrem, em ações, os eventos que tecem os acontecimentos, disso caminha-se de espacialidade temporal à temporalidade espacial. Os momentos são corporais, enquanto os eventos são conscientes, pelas memórias e são históricos, pelas intenções e projeções. Dessarte, encontra-se o sentido das relações entre corpos – ser-com (espacial): ser-no-mundo – e consciências – ser-em (social): mundo-no-ser – rumo ao Espaço social. Nesse trânsito de experiencialidade, tem-se um segundo passo de perscrutação mais adensada no corpo-consciência como microcosmo em sua abertura no espaço-tempo como macrocosmo.

Disso, convoca-se o Eu-Ser como base da Terra ao Mundo, do ôntico ao ontológico, o transpassar de aberturas mundanas. O Eu geográfico é concebido pelos desejos de deslocar e de pertencer, é movimento (por isso geográfico, ao superar a Terra para urgir o Mundo); que abre o corpo-consciência. Cerceia-se, nesse caminho, a abertura da experiência em *entia*, *peri* e *ex*. São asserções de aprofundamento existencial – em horizontes em expansão de mundos –, a *entia* é o próprio Eu-Ser, enquanto o *peri* é o corporal (no meio: situações) e o circundante (no ambiente: relações) e, por fim, o *ex* é abertura da consciência que acopla lugares em movimentos físicos (concretos), imaginados (abstratos) e desejosos, ao desconhecido. É uma configuração sintético-analítica, todos horizontes são interconexos ao mundo conhecido e ao mundo desejado, sendo que este impulsiona as expansões daquele.

Tem-se, por fim, a experiência geográfica aberta: *entia*, *peri corporal*, *peri circundante*, *ex físico*, *ex imaginado* e *ex desconhecido*. Nesse caminho, construiu-se uma concepção que visou a interligar conceitos, a manifestar suas interdependências e, sobretudo, a aprofundar no espaço-tempo e no corpo-consciência sem uma dicotomia entre *a priori* e *a posteriori*, mas enquanto concepções em circularidade. Chega-se, então, a um fechamento deveras aberto, fechado enquanto término de estudo e aberto enquanto receptivo a centelhas de outros modos de pensamento. Espera-se, por conseguinte, ao fim de tudo, fomentar um novo começo.

Geography of experience: space-time and body-consciousness

Abstract: Through experience, one moves towards its phenomenology, as a revealing approach to the manifestation, in geographical existence. Disart, existence, founded by Space and Time, opens its experience in manifestations by spatial (body) and temporal (consciousness), giving them character *a posteriori*, phenomenal. From this, from the natural world, by the being-in-the-world, it circulates with the mental world, through the world-in-the-being: from perception to understanding. This is the geographical existence, by being-in (spatial) and being-with (social), in the social space. Moreover, in the relationships of the bodies (for-itself) and consciences (in-itself), space-time is conceived in the moments that open events through actions, promoted by intentionalities, marking events. Thus, mental geography was perscrutod, through the *ex* (outside) *peri* (around) *entia* (knowledge). To this end, the disease was conceived as an I-Being, from the geographical Self (in the desires to displace and belong) to the Being, Body-Consciousness. It also opens the *peri* as *peri corporal* in the environment (situations) and the *peri surrounding* the environment (relationships). Furthermore, towards the direction of the *ex*, we were asked about the physical (concrete) movement, the imagined (abstract) and to the unknown by propelling the world known to the desired world. Depending on the geographical-existential, it deepened, in a synthetic-analytical way, in the geographical experience.

Keywords: Geographic thinking; Existential geography; Mental geography; Experience.

Geografía de la experiencia: espacio-tiempo y cuerpo-conciencia

Resumen: A través de la experiencia se avanza hacia su fenomenología, como un acercamiento revelador a la manifestación, en la existencia geográfica. Así, la existencia, basada en el Espacio y el Tiempo, abre su experiencialidad en manifestaciones a través de lo espacial (cuerpo) y lo temporal (conciencia), otorgándoles, *a posteriori*, carácter fenoménico. De ahí, del mundo natural, por el ser-en-el-mundo, circula con el mundo mental, por el mundo-en-ser: de la percepción a la comprensión. Esta es la existencia geográfica, a través del estar-en (espacial) y el estar-con (social), en el Espacio social. Además, en las relaciones de los cuerpos (para-sí) y la conciencia (en-sí), hay un espacio-tiempo concebido en los momentos que abren los acontecimientos a través de las acciones, promovidas por las intenciones, marcando los acontecimientos. De esta manera, la Geografía mental se examinaba a través de la *ex* (fuera) *peri* (alrededor) *entia* (conocimiento). Para eso, el *entia* fue concebido como Yo-Ser, desde el Yo geográfico (en el deseo de moverse y pertenecer) al Ser, Cuerpo-Conciencia. También abre el *peri* como *peri corpóreo* al medio (situaciones) y el *peri que rodea* al ambiente (relaciones). Aún así, hacia el sentido del *ex*, se prestó atención al movimiento físico (concreto), a lo imaginado (abstracto) y, también, a lo desconocido, impulsando el mundo conocido hacia el mundo deseado. De acuerdo con lo geográfico-existencial, se profundizó, de manera sintético-analítica, en la experiencia geográfica.

Palabras clave: Pensamiento geográfico; Geografía existencial; Geografía mental; Experiencia.

Referências

- BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2015.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ESTRABON. **Geografia**: Libros I-II. Madrid: Gredos, 2002.
- FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Departamento Nacional de Educação, 1962.
- GADAMER, Hans. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.

GADAMER, Hans. **Verdade e método II**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2011.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e geografia**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Lafonte, 2019.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

LA BLACHE, Paul Vidal. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1954.

LACOSTE, Yves. *et al.* **Ler Braudel**. Campinas: Papirus, 1989.

LOPES, Jahan. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 102, p. 48-62, 2019.

LOPES, Jahan. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia (Rio Claro. Online)**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021a.

LOPES, Jahan. Tempo geográfico: um caleidoscópio da simultaneidade. **Geografar**, Curitiba, v. 16, p. 335-350, 2021b.

LOPES, Jahan. Psicologia socioespacial: a existência geográfica no meio ambiente. **Geoconexões (Online)**, v. 1, p. 170-188, 2022.

MARTINS, Élvio. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 8-26, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MONTEIRO, Juliana. Do lugar à geograficidade e à consciência geográfica: uma experiência fílmica. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MORAES, Antonio. **Geografia pequena história crítica**. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAES, Antonio. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 5ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: como filosofar a marteladas. São Paulo: Lafonte, 2020.

PORTELLA, Oswaldo. Vocabulário etimológico básico do acadêmico de letras. **Letras**, Curitiba, v. 33, p. 103-119, 1984.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. Da Geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECENÇA, Ana; SADER, Emir (Coord). **La Guerra Infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: Clacso, p. 217-256, 2001.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. Entrevista concedida à Mônica Machado. **GeoBrasil**, Rio de Janeiro, p. 1-8, 14 de set. de 2001. Disponível em:

www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario//carlos_walter_porto-gonalves//carlos_walter_porto-gonalves_geobiografia_2.pdf Acesso: 30 de jan. de 2022.

QUEIROZ, Eça. **A cidade e as serras**. São Paulo: Hedras, 2006.

RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra**: Progresso. São Paulo: Imaginário, 2011.

SAÏD, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2017.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e O Nada**: ensaio de Ontologia Fenomenológica. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

WRIGHT, John. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4 n. 2, p. 4-18, 2014.

Sobre o autor

Jahan Natanael Domingos Lopes – Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas.

Recebido para publicação em junho de 2022
Aceito para publicação em janeiro de 2023